

Vencedor de dois Grammys pelo disco “Mulher do Fim do Mundo” de Elza Soares e “Dancê” de Tulipa Ruiz, Victor Rice conta sobre sua carreira de produtor musical.

Micaela Cosas - 23/04/2018

Natural de Huntington, Nova Iorque, Victor Rice é produtor musical, engenheiro de mixagem, designer de som e músico formado na Manhattan School of Music. Mora em São Paulo há mais de 16 anos, onde tem seu estúdio no Copan.



Victor Rice em seu estúdio no Copan. Foto: Fabio Pimenta

Como foi seu começo na música?

Meus pais faziam parte da classe trabalhadora, não eram músicos, mas quiseram que todos os filhos (éramos em 6) tivessem aula de música, de piano ou violão. Eu era um dos filhos mais novos e desde pequeno ouvia as aulas dos meus irmãos mais velhos, com isso fui treinando meu ouvido para a música. Quando chegou minha vez de aprender piano eu já tinha um conhecimento prévio de ouvido, mas as aulas nunca davam certo comigo. Fui saber anos mais tarde que o piano em que eu tocava estava desafinado.

Como surgiu o interesse por baixo?

Eu tinha 13 anos e estava escutando Immigrant Song do Led Zeppelin, a música começa com a bateria e a guitarra e logo em seguida vem o baixo. Enquanto eu ouvia ficava me perguntando que som era aquele e por que parecia que a música só estava começando naquele momento, foi então que eu entendi o que era o baixo e o poder daquele instrumento, depois fui ouvindo muito Bob Marley e Peter Tosh. Mesmo minha família tendo uma forte relação com a música, fui o único filho que se tornou músico profissional. Agora tenho sobrinhos que também estão nesse ramo e fico muito orgulhoso que mais pessoas da minha família estejam trabalhando nessa área.

O seu gosto pelo Reggae aconteceu por causa do baixo?

No começo eu comecei a gostar de baixo ouvindo Led Zeppelin, mas olhando pro Bob Marley e Jimmy Cliff comecei a perceber que o baixo é muito mais importante em música jamaicana do que em qualquer outro gênero.



Victor Rice em seu estúdio no Copan com seu álbum 'Smoke', lançado em 2017. Foto: Fabio Pimenta

Como foram seus primeiros trabalhos como baixista?

Comecei a tocar com 15 anos, era 1982 e ainda não existia estúdios menores, independentes, que possibilitassem produzir demo ou cassete sem fim comercial. O que existia eram estúdios modestos gravando músicos ao vivo. Eu me formei como músico, mas passava tanto tempo em estúdio que virei produtor, me tornei o produtor da minha primeira banda de Ska, o The Scofflaws. O primeiro disco chamou a atenção do selo da Moon Records, quando o dono ficou sabendo do total de orçamento que usei para produzir o disco ficou muito impressionado e queria que eu começasse a produzir discos para ele.

Sua primeira viagem para o Brasil foi para substituir o baixista da banda The Toasters. Sobre isso, como foi sua primeira experiência aqui no país e como ocorreu sua saída dos Estados Unidos para cá?

Minha primeira experiência aqui foi incrível, eu já sabia que queria sair dos Estados Unidos, de Nova Iorque, mas estava de olho na Europa. Com os The Toasters, a primeira parada foi no centro de São Paulo, na rua dos Timbiras, aquilo me lembrou a Nova Iorque dos anos 80, uma época que eu gostava, me senti muito confortável e fui embora dessa primeira visita com saudade daqui. A última gota para a minha saída foi o 11 de setembro, desde esse dia comecei a fazer aulas particulares de português, ainda nos Estados Unidos.

Como apareceram as primeiras oportunidades de trabalho aqui?

Bem, isso demorou, eu já conhecia a família Takara do estúdio El Rocha, o Claudio Takara e os seus filhos Daniel Ganjaman, Fernando Sanches e Maurício Takara, cada vez que eu visitava o Brasil alugava uns dias no estúdio deles para trabalhar, foi o Ganjaman que deu meu primeiro trabalho aqui. Nos primeiros 5-6 anos morando no Brasil, ficava indo e voltando dos Estados Unidos, trabalhando tanto em Nova Iorque em uma empresa de pós-produção para TV quanto em São Paulo. Em 2010, cada vez que eu precisava mixar um disco de algum artista de fora do Brasil, eu alugava o estúdio El Rocha.



Vista da janela do estúdio de Victor Rice no Copan, em São Paulo. Foto: Fábio Pimenta

Você mixou dois discos que ganharam o Grammy Latino, ‘Dancê’ da Tulipa Ruiz e ‘A Mulher do Fim do Mundo’ da Elza Soares. Como aconteceu o convite para trabalhar com grandes nomes da MPB?

Também culpo a família Takara, o Fernando Sanches estava trabalhando com o Marcelo Camelo em 2010, nisso ele falou pro Marcelo “*Você devia mixar com o Victor*”. Naquele mesmo dia eu fui pro estúdio El Rocha só pra tomar um café com o Cláudio, o Fernando me chama e disse que tinha falado de mim pro Marcelo Camelo. Acabei mixando o disco ‘Toque Dela’, logo em seguida ele me colocou na produção inteira do disco da Mallu Magalhães, o ‘Pitanga’. Após isso, foram surgindo novas oportunidades de trabalhar com outros artistas da MPB.